

O ATLETISMO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS ESCOLAS DE NOVO HAMBURGO/RS: POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

**Janaina Andretta Dieder*

***Alexandre José Höher*

RESUMO: Esta investigação buscou verificar as possibilidades e limitações do ensino do atletismo nas aulas de Educação Física nas escolas da rede municipal de Novo Hamburgo/RS. Caracterizou-se como um estudo quantitativo-qualitativo descritivo. Etapa quantitativa: 19 professores de EF responderam a um questionário. Etapa qualitativa elaborada por meio de análise de documentos e entrevistas semiestruturada com 3 professores e 27 alunos (grupo focal) em 3 escolas. Por meio de “Análise de conteúdo” obteve-se os seguintes resultados: 17 docentes trabalham o atletismo, apesar da falta/limitação do espaço físico (13), falta de materiais adequados (9), desinteresse dos professores (6), a cultura do próprio esporte (3), pouco conhecimento e vivência do modalidade (5). O conteúdo consta nos planos de estudos, apresentando limitações similares. Conclui-se que o atletismo é ensinado, principalmente nas escolas que possuem um projeto no contraturno escolar, devido ao investimento maior que recebem para essa modalidade esportiva.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar. Atletismo. Ensino.

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como objetivo verificar as possibilidades e limitações do ensino do atletismo nas aulas de Educação Física (EF) nas escolas da rede municipal de Novo Hamburgo/RS no ano de 2015. Entendendo-se que o mesmo pertence a cultura corporal e, portanto, faz parte dos conteúdos utilizados pelo componente curricular Educação Física, buscou-se analisar esse ensino (ou seja, se ele ocorre) e quais são suas limitações, ponderando-se também sobre as possibilidades.

Como ponto de partida, expressa-se que a cultura de movimento é entendida por Mendes e Nóbrega (2009) como um conhecimento que vai sendo construído e reconstruído

* Acadêmica de Licenciatura em Educação Física e Bolsista do Programa de Iniciação Científica Feevale (PICF) do Grupo de Pesquisa em Análise dos Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais - Universidade Feevale/RS. E-mail: janaina.dieder@gmail.com

** Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale/RS. Professor do curso de Educação Física da Universidade Feevale. E-mail: alexandreH@feevale.br

durante a história, compreendendo os aspectos bioculturais, sociais e históricos, envolvendo as diferentes formas como o ser humano usa seu corpo, como cria e vivencia as técnicas corporais. Para Barbosa (2013, p. 287), os “[...] conteúdos da cultura corporal podem ser trabalhados em toda a sua extensão: no aprender a conhecer, a fazer, a ser e a viver, bem como, nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.” Pode-se, de acordo com o autor, utilizar a cultura corporal para o entendimento dos acontecimentos e das condutas, na troca de conhecimentos e experiências, bem como no aprendizado de resolução de conflitos. Destarte, é fundamental que a cultura corporal amplie a pluralidade dos conteúdos e de suas práticas.

Portanto, partindo desse pressuposto de que a Educação Física escolar trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e seus movimentos, como menciona Daólio (2004), sendo historicamente definidas como jogo, esporte, dança, ginástica e luta, entende-se o atletismo como elemento da cultura corporal. Lecot e Silveira (2014, p. 130) afirmam que “esta modalidade esportiva é de suma importância no âmbito da cultura corporal, pois o correr, o saltar, o arremessar e o lançar, no atletismo, não são quaisquer movimentos e sim uma forma contextualizada do movimento correto, normativo e técnico”. Dentro disso, a modalidade encaixa-se no elemento esporte, servindo de base para os demais (BRAGADA, 1999) e se manifesta através de movimentos corporais inerentes aos seres humanos, como o correr, o saltar e o lançar, aperfeiçoadas através das aulas de Educação Física (MARQUES; IORA, 2009). Corroborando com isso, o Coletivo de Autores (1992) afirma que estas práticas foram inventadas pelo homem, enquanto que seu desenvolvimento e evolução são resultados da elaboração cultural. Por conseguinte, o atletismo faz parte da cultura corporal de movimento e pelo seu ensino, pode contribuir na formação dos discentes. De acordo com Nascimento (2010, p. 100):

A abordagem do atletismo no currículo escolar deve ser para o aluno uma oportunidade de descobrir e conhecer, brincar com diferentes formas, deixar que o comportamento motor se modifique a partir de experiências, trabalhar com exploração e resoluções, criando e recriando, procurando atingir sua autonomia dentro do atletismo.

Apesar dessa relevância da modalidade na Educação Física escolar e mesmo sendo um dos esportes mais tradicionais no campo esportivo (MATTHIESEN, 2014), de acordo com Goveia e Vargas (2014) e Matthiesen (2012b), seu ensino nessas aulas há muito tempo vem sendo colocado em segundo plano. Como apontam Santos e Matthiesen (2013, p. 118), o “[...] atletismo no Brasil demonstra, por meio de sua história, marcas da indiferença/negligência das

escolas em relação ao seu ensino e a sua difusão enquanto manifestação cultural da sociedade”. Sendo assim, fica claro que, por mais que o atletismo seja um dos conteúdos clássicos da Educação Física, ainda é muito pouco difundido nas escolas, por diversos motivos explanados em seguida.

Apresenta-se como aspecto fundamental para a negligência da modalidade no contexto escolar a questão cultural-social brasileira. Oro (1983) afirma que os brasileiros preferem modalidades esportivas coletivas com bola, ou seja, uma questão de cunho cultural, sendo consequência da mídia, do mundo dos negócios, dos periódicos especializados etc., nos quais transformaram o esporte em um fenômeno social massivo e exercem, portanto, um papel social (RANGEL BETTI, 1999).

É importante ressaltar que o corpo é uma construção, uma linguagem através da expressão corporal, constituído culturalmente e influenciado pela sociedade (MIRANDA, 2012). Oro (1983) expressa que é neste período de construção anterior e fora da escola, chamado de ambiente extraescolar, onde a criança estabelece e traz consigo a cultura esportiva, que se manifestará e confrontará com a oferecida pela escola. Por isso, conforme Goveia e Vargas (2014, p. 22), é preciso levar em conta que “a valorização do esporte coletivo de massa pela mídia propicia um campo desfavorável a prática de outras modalidades e resulta no dissabor que as crianças apresentam ao praticar outros esportes, como o atletismo”. Para Miranda (2012), isso justifica o fato de o futebol ser o conteúdo predominante no imaginário dos alunos e no dia-a-dia das aulas de Educação Física. Entretanto, nós, como professores, devemos ofertar conhecimentos que permitam aos estudantes criticar o esporte como fenômeno social dentro de um determinado contexto sócio-econômico-cultural (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Em função deste contexto sociocultural, o atletismo é adotado pelos alunos, de acordo com Miranda (2012), como um esporte pouco atrativo e sem graça, desmotivando os professores a incluir este conteúdo em seus planos de aula. Para Nascimento (2010, p. 99), a “[...] aceitação do atletismo por parte do aluno não deve ser algo imposto, mas visto como ampliação dos conhecimentos e algo que traga benefícios tanto de forma individual quanto coletiva”. Conforme Oro (1983), o atletismo no Brasil precisa levar em conta esta cultura trazida pelo indivíduo e deve ser capaz de se mostrar interessante e motivador, inserindo-se nessa perspectiva sociocultural.

Outros aspectos apontados por Rabelo e Fernandes (2010), como fatores limitadores para se desenvolver atividades do atletismo na Educação Física escolar, foram a falta de materiais e espaços físicos. De acordo com Oro (1983), os problemas de infraestrutura são notados nas escolas brasileiras, contudo, Rangel Betti (1999) afirma que os professores, por acreditarem que a escola não possui espaço, nem material apropriado ou por acharem que os alunos não gostariam de aprender outros conteúdos, justificam o não ensino do atletismo. Além da carência de espaços físicos e materiais adequados, Marques e Iora (2009) apontam a falta de motivação e criatividade dos professores como fatores negativos, que se somam aos demais fatores.

Entretanto, Matthiesen (2012a) ressalta que o atletismo não exige materiais muito complexos, enquanto que Marques e Iora (2009) e Matthiesen (2012b) enfatizam que podem ser utilizados materiais alternativos e variações de locais, sendo que esses fatores não podem ser impedimento para o ensino do atletismo. Vale lembrar, consoante Rangel Betti (1999, p. 29), que “a escola acaba preocupando-se com a organização do espaço físico voltado aos padrões esportivos vigentes e adapta este espaço apenas com fins de competições esportivas”, ou seja, quadras poliesportivas, consequência do esporte coletivo de massa, influenciado pela mídia, como já visto anteriormente. Rangel Betti (1999) ressalta que espaços naturais e materiais não convencionais são esquecidos.

Portanto, para Lecot e Silveira (2014), a modalidade faz sim parte do conteúdo da Educação Física escolar e possibilita aos alunos uma diversificação dos conteúdos, permitindo e tornando mais interessante a perspectiva de maior ganho no conhecimento, bem como nas experiências para a vida. Vale destacar que, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Educação Física escolar é entendida como uma disciplina que deve inserir e associar o aluno na cultura corporal de movimento, onde o mesmo deverá ser capaz de produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, para como cidadão desfrutar dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em prol da execução crítica da cidadania e do melhoramento da qualidade de vida (BRASIL, 1998).

METODOLOGIA

Esse estudo caracterizou-se por uma pesquisa quantitativa-qualitativa descritiva, tendo como contexto as escolas municipais que possuem turmas de anos finais (6º ao

9º ano) do Ensino Fundamental em Novo Hamburgo-RS. A pesquisadora escolheu esta metodologia pois, conforme Flick (2009), os métodos quantitativos e qualitativos podem ser combinados como estratégias de pesquisa complementares, buscando qualificar a pesquisa. O sujeitos do estudo foram os professores de Educação Física destas escolas e alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, utilizando como instrumentos de coleta de dados questionário, entrevista semiestruturada (individual para os professores e grupos focais para os alunos) e documentos.

Nessa perspectiva, colaboraram com a etapa quantitativa da pesquisa 19 docentes (das 21 escolas¹ que têm anos finais da cidade), tendo como critério de inclusão todos os professores que aceitassem participar do estudo e concordassem com o termo de consentimento. Na segunda etapa, qualitativa, foram selecionadas 3 escolas que, de acordo com os questionários respondidos pelos professores, utilizam o atletismo como conteúdo pedagógico. Desta forma, foram entrevistados os 3 professores de Educação Física destas escolas, utilizando-se como critério de inclusão os professores que aceitassem participar do estudo e concordassem com o termo de consentimento. Objetivando-se atingir alunos com mais anos de vivências no contexto da EF escolar, optamos por realizar essa parte do estudo com os 9º anos. Destarte, foram entrevistados 27 alunos destas mesmas escolas por meio de 3 grupos focais (compostos por 7, 8 e 12 alunos cada). Os discentes foram selecionados por conveniência investigativa, utilizando-se o mesmo critério de inclusão.

A análise dos dados quantitativos foi realizada no programa Microsoft Office Excel 2007 e averiguada descritivamente. Para a análise das informações qualitativas coletadas, seguiu-se a proposta de análise de conteúdo de Bardin (2009), assim, primeiramente foi realizada a chamada pré-análise (textual e temática); em seguida a exploração do material e categorização dos elementos para a análise, atingida através do desmembramento do discurso em categorias temáticas (“saberes e experiências”, “planos de estudos”, “abordado nas aulas de EF”, “métodos de ensino”, “atividades”, “objetivos”, “possibilidades”, “limitações”, “atletismo”, “cultura corporal” e “significância do aprendizado”), no qual os critérios de seleção e de determinação guiam-se pelo tamanho da averiguação das questões relacionadas ao objeto de pesquisa, verificados nos discursos dos indivíduos estudados; por fim, efetuou-se a análise dos resultados, a inferência e a interpretação. Para a análise e interpretação dos dados, utiliza-se a triangulação

¹ Fonte de dados: Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Novo Hamburgo.

que, neste estudo, se dará através da triangulação por fontes, teórica e reflexiva (CAUDURO, 2004).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

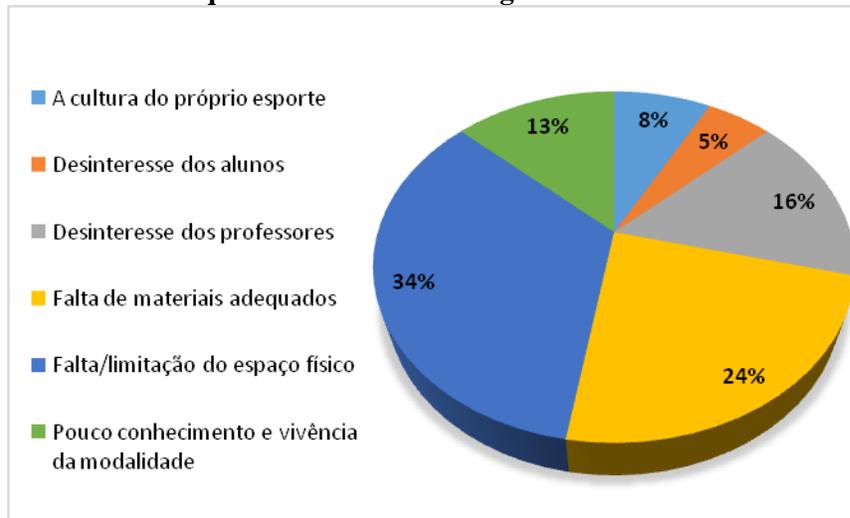
O atletismo é entendido como essencial no campo esportivo, sendo que este está presente na cultura corporal e é massivamente explorado pelo contexto atual da Educação Física (principalmente através dos esportes coletivos), apresentando um extenso repertório de conhecimentos a ser ensinado (PRADO; MATTHIESEN, 2007). Apesar dessa indicada importância da modalidade, na Educação Física escolar, alguns estudos como os de Goveia e Vargas (2014) e Matthiesen (2012b) apontaram que seu ensino nessas aulas estava sendo colocado em segundo plano há algum tempo em função de diversas dificuldades, que foram constatadas pelos docentes participantes deste estudo. Embora existam estes contratemplos, esta investigação encontrou dados opostos aos achados nas pesquisas citadas acima, no qual grande parte dos professores (89% - n=17) afirmaram trabalhar o atletismo nas aulas de Educação Física, enquanto que 11% (n=2) negaram trabalhar com a modalidade. Com isso, sentiu-se a necessidade de se investigar como é o ensino do atletismo nos anos finais das escolas municipais de Novo Hamburgo, buscando compreender suas possibilidades e limitações.

De acordo com os questionários, 84% dos professores, ou seja, 16 colaboradores, afirmaram que o atletismo consta no plano de estudos de sua escola, enquanto que 16%, apenas 3 deles, apontaram que não. Nas entrevistas realizadas com os professores (EP), quando questionados se o atletismo estava presente nos planos de estudos (DOC) de suas escolas todos responderam que sim. Ao analisar estes documentos, verifica-se que todos são bastante parecidos e padronizados, seguindo as mesmas diretrizes. É possível constatar que o atletismo está presente neles, mas de forma indireta, apresentado por objetivos amplos (e similares em ambas escolas), que visam desenvolver aspectos técnicos dos esportes, subentendendo-se que o atletismo está incluído nessa perspectiva. Entretanto, percebe-se uma forte influência e requerimento da questão técnica, implicando-se em uma aula baseada na dimensão procedimental. Das três escolas, somente a “C” traz junto a esses objetivos a dimensão conceitual. Prado e Matthiesen (2007) criticam a preocupação com o movimento técnico dada pelos professores de Educação Física, levando em consideração apenas o “saber fazer”, pois, de acordo com Matthiesen (2014, p. 23), para além “[...] do que se conhece do atletismo em termos

competitivos, deve-se explorá-lo como conhecimento a ser veiculado pela Educação Física, abrangendo não apenas procedimentos, mas conceitos e atitudes”. Portanto, vale destacar a importância da EF na formação do aluno como um cidadão, o “saber ser e o saber conhecer” (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2010).

Nos questionários respondidos pelos 19 docentes, incluía-se a seguinte pergunta: “Quais os fatores que dificultam a abordagem do atletismo nas aulas de Educação Física?”. A questão era de múltipla escolha, constituindo-se por seis alternativas, atingindo-se 38 respostas.

Gráfico 1 - Fatores que dificultam a abordagem do atletismo nas aulas de EF



Fonte: Elaborado pelos autores. Pesquisa de campo, 2015.

Em relação aos fatores que dificultam a abordagem do atletismo nas aulas de Educação Física, de acordo com o gráfico elaborado pelos autores deste estudo, o destaque se deu para a falta/limitação do espaço físico e a falta de materiais adequados, com 34% e 24%, respectivamente. Dados esses que são evidenciados em outras pesquisas, como a de Silva e Sedorko (2011), na qual 81% dos professores afirmaram que a principal dificuldade para o ensino do atletismo é a falta ou limitação do espaço físico; bem como o estudo de Xavier e Maciel (2013), cujo 90% dos docentes declararam não ter material e espaço físico adequado para a prática destas aulas. Ponderando sobre isso, Rabelo e Fernandes (2010) apontam a falta de materiais e espaços físicos como fatores limitadores para desenvolver atividades do atletismo na Educação Física escolar. Entretanto, vale lembrar que a estrutura física é adaptável (MATTHIESEN, 2012a; 2012b) e que “na aprendizagem, é possível realizar uma série de

adequações utilizando-se materiais alternativos, adaptados ao ensino do atletismo” (MATTHIESEN, 2014, p. 38). De acordo com o gráfico, 16% dos docentes indicaram o desinteresse dos próprios professores e 8% acreditam que a cultura do próprio esporte é um aspecto limitante, informação próxima a encontrada por Silva e Sedorko (2011), no qual 13% constatarem o desinteresse dos professores e 9% a cultura do próprio esporte como fatores que dificultam a abordagem do atletismo nas aulas de Educação Física.

É importante ressaltar, de acordo com Marques e Iora (2009), que a falta de motivação e criatividade dos professores somam-se aos demais fatores constatados. Além disso, a cultura deste esporte, que não tem bola (ORO, 1983), aliado ao contexto sociocultural brasileiro, faz com que o atletismo seja visto como um esporte pouco atrativo e sem graça pelos alunos (MIRANDA, 2012), demonstrado pelos 5% dos professores que indicaram o desinteresse dos alunos como um fator que dificulta o ensino do atletismo nas aulas de EF. Embora exista essa resistência por parte dos alunos, Lecot e Silveira (2014) em seu estudo comprovaram que mais da metade dos alunos pesquisados gostariam de praticar o atletismo nas aulas de Educação Física. Sendo assim, os professores não podem justificar o não ensino do atletismo por acharem que os alunos não gostariam de aprender outros conteúdos (RANGEL BETTI, 1999). Pouco conhecimento e vivência da modalidade foram apontados por 13% dos docentes.

No viés qualitativo dessa pesquisa, destacou-se diversas limitações relacionadas ao processo de ensino do atletismo, sendo que estas ora se aproximam, ora se distanciam na fala dos docentes e discentes. Dentre as restrições trazidas pelos professores, quatro delas constavam no questionário: pouco conhecimento e vivência da modalidade, falta/limitação do espaço físico, falta de materiais adequados, desinteresse dos alunos e a cultura do próprio esporte, salientada pela questão sociocultural brasileira. Além disso, o fator tempo também foi apontado por eles como um ponto limitador. Esses aspectos serão descritos e explicados na sequência.

O conhecimento acerca da modalidade foi apontado pelas professoras como aspecto limitador. A professora Rafaela (EP2), da escola “B”, comenta: “[...] eu também sou limitada, eu não sou supassumo [...]”. A professora Daniela (EP3), da escola “C”, assinala: “[...] eu acho que pra mim falta mais conhecimento, porque eu sei que dou um atletismo bem básico [...] Eu penso que a gente sai da faculdade muito cru, eu aprendi muita coisa ao longo dos anos, conheci alguns materiais que não tive acesso na faculdade [...]”. Percebe-se, portanto, que as docentes se consideram limitadas em relação ao seu conhecimento sobre o atletismo, implicando

em aulas mais básicas, mas fundamentais para o ensino escolar (que não exige tanto aprofundamento técnico). Além disso, é importante ressaltar que nenhum dos alunos citou este aspecto como algo restritivo, pelo contrário, elogiaram as aulas das professoras.

As mesmas docentes afirmaram que o tempo também é um aspecto limitador, conforme os trechos a seguir:

“A primeira limitação, talvez, é o calendário restrito às aulas de Educação Física, são só duas no período [...] Talvez se tivesse um pouquinho mais eu poderia dar um enfoque melhor, e esse enfoque, talvez, surgiria melhores talentos, melhores resultados, mais aprendizagens, melhor uso da matéria, então primeiro que isso é limitado... [...] Por que as vezes o calendário é enxugado e outra que eu gosto, também, de passar outros esportes” (EP2-Rafaela)². (Informação verbal).

“Falta tempo pra gente, tu não trabalha atletismo de uma maneira profunda em 2 e 3 meses. Então realmente em nível escolar tu faz uma passagem pelo conteúdo, mas tu não dá uma profundidade” (EP3-Daniela).

A partir dos relatos das docentes, observa-se que o calendário escolar é corrido, pois compreende eventos e trabalhos extras ligados à escola, que acabam diminuindo a quantidade de aulas por ano. Já a grade curricular é constituída por poucas aulas semanais (dois períodos) para a Educação Física dar conta de todos os seus conteúdos. Além disso, essa fala vem ao encontro do aspecto anterior em relação ao ensino mais básico sobre o atletismo, sem muita profundidade (e até mesmo de outros conteúdos), pois a Educação Física escolar é entendida como uma disciplina que deve inserir e associar o aluno na cultura corporal de movimento, ou seja, nos jogos, nos esportes, nas danças, nas ginásticas e nas lutas, portanto, diversos conteúdos para se dar conta ao longo de um ano letivo (BRASIL, 1998). Porém, é importante salientar que no contexto atual apenas um elemento dessa cultura é o mais explorado, isto é, o esporte. Assim sendo, mesmo utilizando somente um componente, elas relatam ter pouco tempo de aulas.

A disposição dos alunos para as aulas é averiguada como um elemento limitador do processo de ensino tanto pela professora da escola “B”, bem como pelos discentes das três escolas. De acordo com a docente, os alunos “querem usar a internet, celular, isso e aquilo, a gente sabe que em casa é isso... [...] por que é difícil, os alunos não querem mais fazer, eles têm outros atrativos, e as vezes se tu não apertar o cinto [...]” (EP2-Rafaela). Nesse mesmo prisma, os discentes, quando questionados se todos os alunos e colegas participavam das aulas e

² As informações verbais obtidas por meio de entrevistas junto aos participantes da pesquisa e que aparecerem em recuo de 4 cm serão sempre apresentadas entre aspas.

queriam aprender sobre atletismo todos eles relataram não, que apenas alguns participavam efetivamente das aulas. Foi possível constatar na fala da professora e dos alunos que muitos não gostam de fazer a aula por motivos variados, desde a preguiça até pela distração dos discentes que se interessam mais por atrativos tecnológicos de seus celulares. Miranda (2012) postula que uma das causas pode ser pelo fato de o atletismo ser considerado pelos alunos como um esporte pouco atrativo e sem graça.

Contudo, nota-se que esse desgosto, que implica na não participação de alguns alunos, acontece em todas as aulas de Educação Física, não somente nas aulas que possuem o atletismo como conteúdo pedagógico. Salienta-se que isso provém da cultura esportiva trazida pelo aluno de casa ou de suas aulas anteriores, visto que o corpo é fruto da sociedade e da cultura e suas práticas têm como sustentação seu conhecimento tangível do mundo (DAOLIO, 1994). Destaca-se, portanto, essa construção, ou seja, essa bagagem cultural, bem como o meio em que o indivíduo vive como aspectos determinantes no gosto ou não pelas aulas de Educação Física e a forma de sua participação. Além disso, ressalta-se que o aluno tem todo o direito de gostar ou não desse componente curricular, assim como acontece com os demais (como português, matemática etc.).

Outro aspecto trazido como limitante é o espaço físico e materiais, no qual encontramos aproximações e distanciamentos nas falas dos docentes e discentes. A professora da escola “C” (EP3-Daniela) relata que “não tem espaço físico pra isso. [...] realmente te falta mais conhecimento, mais tempo, materiais e espaço físico. É, tu [...] Até que correr tu pode achar algum espaço, mas mesmo assim hoje tu correr na rua ta muito assim”. Podemos averiguar, de acordo com a fala da professora Daniela, que a falta/limitação de espaço físico e materiais, agregada a outros empecilhos, são fatores que implicam diretamente nas aulas de atletismo, principalmente no ensino de determinadas modalidades, como os lançamentos e os saltos. Estes aspectos limitantes são apontados em outros estudos, como os de Oro (1983) e de Rabelo e Fernandes (2010). No entanto, autores como Matthiesen (2012a; 2012b) e Marques e Iora (2009) afirmam que a estrutura física e os materiais não podem ser impedimento para o ensino do atletismo, ressaltando que a modalidade não exige materiais muito complexos, podendo-se adaptá-los, bem como utilizar locais variados. Vale lembrar que, apesar destas dificuldades retratadas, a docente ensina este esporte em suas aulas. De encontro a fala desta professora e em

concordância com os últimos autores apresentados temos o discurso do docente da escola “A” (EP1-Gabriel):

“-Gabriel: Bom, o grande problema é a vontade da pessoa querer trabalhar ou não o atletismo. Por que pelo amor de Deus, qualquer espaço tu vai pode fazer, tu vai achar um pedacinho, uma quadra você já consegue fazer uns tirinhos, um salto. Então, é vontade. Não tem grandes dificuldades, poxa, o atletismo é tão básico! Aliás, ele é a base de qualquer outro esporte.

- Investigadora: Então por questão de espaço e de material tu não vê como uma limitação para a aula de Educação Física?

-Gabriel: Não! De forma alguma! Muito pelo contrário! Pô, não tem o que fazer, não tem bola? Vamos pro atletismo!”

De acordo com o professor Gabriel é possível ensinar o atletismo em qualquer espaço, pois este é um esporte básico e, inclusive, uma possibilidade de ensino quando não se tem materiais. Nessa perspectiva, ele cita a falta de vontade do professor como um fator impactante para não trabalhar o atletismo em suas aulas, pois a falta de motivação e criatividade destes docentes são considerados fatores negativos, que se acrescentam aos demais, fatores corroborados nas pesquisa de Marques e Iora (2009).

Em relação aos relatos dos discentes referentes aos fatores limitantes espaço e materiais percebe-se a diferença das dificuldades, atreladas ao espaço físico e materiais que cada escola possui. Na escola “A” (GF1) os alunos conseguem identificar que possuem espaço, no qual até pensam em fazer uma pista de atletismo, em função do projeto existente, porém, o impasse é que este terreno pertence ao município de Campo Bom. Além disso, eles trazem em pauta a falta de verba para aquisição de equipamentos. Na escola “B” (GF2) o fator dinheiro também foi apontado, mas os alunos reconhecem que conseguem ter acesso a praticamente tudo da modalidade, visto que essa escola também possui um projeto, portanto, têm diversos implementos específicos deste esporte. Enquanto que na escola “C” (GF3), que não possui nenhum projeto de atletismo, os alunos entendem a falta de espaço e equipamentos adequados para a prática da modalidade esportiva como um aspecto limitante. Infere-se que o fato de ter o projeto de atletismo (nas escolas “A” e “B”) desencadeou uma série de vantagens na aquisição de materiais para ambas, diferentemente da escola “C”, mas que são utilizados para o ensino mais básico do atletismo.

Apesar dessas limitações, conclui-se que o atletismo é ensinado. Mas como ele é ensinado sem ter espaço e materiais apropriados? Os professores e alunos trouxeram, nas entrevistas e grupos focais, respectivamente, possibilidades utilizadas nas aulas de Educação

Física para que este processo seja possível. A possibilidade mais enfatizada foi relacionada ao espaço e materiais (limitação trazida por ambos). De acordo com o professor Gabriel (EP1):

“Ah, hoje tá bem fácil né? A gente conseguiu vários equipamentos, aperfeiçoou a brincadeira. Antes, a gente brincava com o que tinha, era o cabo de vassoura, era a caixa de areia ali atrás que o pessoal gostava de brincar pra fazer casinha, enfim, hoje a gente tem recursos, que possibilitam o treino né, então o aperfeiçoamento”.

Na escola “A”, o professor (EP1) comenta que hoje possuem muitos equipamentos do atletismo, o que facilita seu ensino. Porém, ele ressalta que antes era necessário adaptar os materiais, assim como seus alunos (GF1) afirmaram que ele improvisava bastante, utilizando CD para aprender o lançamento do disco e cabo de vassoura para o lançamento do dardo. Já a falta de espaço não é citada por eles, visto que a escola possui um grande campo, como já mencionado anteriormente.

Na escola “B”, a professora relata:

“Eu uso assim, espaço. Espaços da escola, fora da escola, do lado de fora, tem muitos recursos de material [...] Lado de fora no campo, no campo que tem do lado da escola [...] Terreno baldio, tem bastante materiais hoje em dia, tem colchão para salto em altura, tem uma caixa de areia para salto em distância, tem uma pista, nem que ela seja só de uns quinze metros, mas nós temos com duas raiais que dá para fazer, ahn, temos espaço fechado que pode utilizar, então tem recursos, basta vontade do professor. Material tem bastante, por isso que eu digo né [...]. Espaço, também tem um espaço bom, tem um espaço bom. Dá para se adaptar, não é completo [...]” (EP2-Rafaela).

A professora Rafaela também ressalta possuir bastante materiais e seus alunos confirmam isso (GF2). Entretanto, a escola não possui um espaço tão grande como o da escola “A”, portanto, para realizar lançamentos e arremesso a docente utiliza um terreno baldio que existe ao lado da escola.

A professora Daniela (EP3) retratou:

“Eu faço na pracinha ao lado da escola, com todo um cuidado com o posicionamento de tudo, para que não haja um risco de quem está passando, veículos ou até os próprios alunos. [...] Faço corrida de 50 metros na frente da escola. [...] Com pequenas corridas, com arremesso de bolinha de meia, ahn [...] Com salto na cordinha né, contando uma história, eles vão saltar o [...] Saltar o riacho, saltar em cima do colchonete, essas coisas assim tu pode vim brincando com eles né. Saltar obstáculos, por exemplo, fazer com aquelas [...] Tem lá na escola que faço com os pequeninhos que é os [...] Tipo goleirinha, mas tu faz de cano. Só que tu faz de várias alturas. Daí tu faz pra eles ir passando, eles acham aquilo um máximo e tu já ta vendo quem tem impulsão, como é a passada da criança né” (EP3 – Daniela).

Percebe-se, na escola “C”, que a professora utiliza adaptação tanto de materiais, como de espaço, contando com a pracinha ao lado, bem como a rua como variações de locais para trabalhar a modalidade. Tais adequações são percebidas por seus alunos no grupo focal 3. Sendo assim, por meio do discurso tanto dos professores, como dos alunos, verifica-se que nas três escolas os docentes utilizam ou utilizavam adaptações de materiais, bem como sugerem Marques e Iora (2009), ou seja, empregar materiais alternativos e variações de locais para o ensino do atletismo. Os estudos de Goveia e Vargas (2014) e Silva e Sedorko (2011) também averiguaram que os docentes adotavam essas possibilidades, usando implementos adaptados confeccionados pelo próprio professor ou outros materiais alternativos, como giz, corda, arcos, entre outros. Observou-se também que a adaptação de espaço físico era muito empregada pelos docentes, utilizando-se ambientes como a rua e o pátio. Assim sendo, fica claro que a criatividade e a vontade dos professores são aspectos determinantes para se ter ou não o atletismo no período escolar, já que as limitações são várias, mas também, existem diversas possibilidades para se tornar viável o ensino dessa modalidade nesse âmbito.

Não menos importante, mas talvez, o aspecto que justifique e influencie em todas as outras limitações, é a questão sociocultural brasileira. De acordo com Miranda (2012), o corpo é constituído e influenciado cultural e socialmente, portanto, tudo que é aprendido e vivenciado pelas crianças antes do período escolar vai se transformar numa cultura esportiva que será demonstrada e confrontada com o ofertado pela escola (ORO, 1983). Como vivemos no “país do futebol”, observa-se a valorização deste esporte coletivo de massa pelos meios midiáticos, o que desfavorece a realização de outras práticas corporais, ocasionando um desgosto por parte dos alunos para vivenciar outros esportes, como o atletismo (GOVEIA; VARGAS, 2014).

Para Miranda (2012), isso explica o fato de o futebol ser a temática prevalecente no imaginário dos alunos e, por vezes, no cotidiano escolar da Educação Física. As duas professoras Rafaela (EP2) e Daniela (EP3), das escolas “B” e “C”, respectivamente, constataam que:

“[...] é difícil, os alunos não querem mais fazer, eles tem outros atrativos, e as vezes se tu não aperta o cinto, eu sei, a mas tu não quer oportunizar, professor, posso até tentar, mas eu ainda acredito que a parte dirigida isso falta muito hoje, os alunos se desmotivam com muita facilidade, eles tem muitos atrativos extras e outros atrativos [...] E desvirtua (EP2-Rafaela).

É assim, eu penso, vejo e agora com essa volta pra Educação Física constato que tu tem que forçar a venda do outro esporte, e ai eles querem comprar, se tu não for uma pessoa perseverante com foco e objetivos, se tu não é compromissada, porque é muito mais fácil o aluno ficar gritando nas tuas orelhas e te pedindo futebol todo dia e tu dá o largobol que foi falado ontem e tu chegar assim e dizer eu vou trabalhar isso e eles “ahhhh” e tu: não mas vamos lá” (EP3-Daniela).

Através da fala delas é possível constatar que os alunos solicitam a prática do futebol, pois trazem isso de maneira quase restrita em sua cultura esportiva, além de ser percebido como mais atrativo, tornando o ensino do atletismo um procedimento complicado para o professor, que precisa provar para os alunos que as outras modalidades esportivas também possibilitam uma série de benefícios e prazer, assim como o esporte coletivo (GOVEIA; VARGAS, 2014). Sob esse prisma, as duas docentes frisam que se não insistirem e não oportunizarem este ensino, não se consegue conquistar espaço e os discentes não terão o contato com outras possibilidades, que lhes são de direito. O professor Gabriel (EP1), da escola “A”, e a professora Daniela (EP3), da escola “C”, afirmam proporcionar o ensino do atletismo em suas aulas e relatam:

“Quando eu cheguei na escola o grande problema foi tirar o futebol de lá. E eu fiz exatamente isso, eu afastei: Óh acabou! Não tem mais! Vai ter só, sei lá, no final do ano. Na época era novembro e dezembro só que eu fazia o futsal, o resto do ano eram outros esportes. Ai o atletismo, é engraçado, mas não tem bola né? Mas eles acharam o máximo, o atletismo caiu no gosto da gurizada” (EP1-Gabriel).

“Quando eles aprendem, quando eles ahn [...] Primeiramente eles só querem o esporte coletivo, principalmente o futebol, mas quando tu insiste e tu trabalha eles conseguem vivenciar algumas [...] Principalmente alguma [...] O aluno tem muito da competição, por mais que tu trabalha a cooperação, nossa eles se empolgam quando ele começam a perceber outras coisas, desde o jacaré que tu apresenta né. O peso que eles vão pegar e todo mundo vai passar na mão e vai pesando e eles começam a se entusiasmar. Quando tu mostra um dardo e eles ficam né entusiasmado com aquilo e ficam “professora como a gente joga isso!?”. Então ahn [...] Tu vê no aluno empolgação. O revezamento! Eu adoro corrida de revezamento. Então quando tu ensina e tu larga eles e ensina um estilo tu larga eles pra fazer na rua e aquilo eles incorporam [...] Nossa eles te perguntam numa outra aula “professora quando nós vamos ter a aula de corrida na rua?” ou “a aula do bastão?”. Até eles assimilarem a fala correta. [...] Eles começam a ficar fascinados e o aluno quando ele ganha uma coisa nova ele, e tu sabe dessa coisa nova que ele não sabe, ele fica assim [...] E o olho vai crescendo [...] Vai crescendo e te olhando, daqui a pouco você ouve aquele silêncio, porque eles estão se apaixonando por aquilo” (EP3-Daniela).

Nota-se, na fala dos docentes, que os alunos apresentam certa resistência no início do ensino do atletismo, não só em função deste contexto sociocultural, como também pelo

fato de ser considerado, por vezes, pelos discentes, um esporte pouco atrativo e sem graça (MIRANDA, 2012). A partir da inserção deste conteúdo de forma a ampliar os conhecimentos e trazer benefícios individuais e coletivos, os docentes perceberam que a modalidade foi bem aceita e, inclusive, solicitada novamente pelos alunos (NASCIMENTO, 2010). É interessante observar a fala dos alunos da escola “C” (grupo focal GF3) em relação a esse aspecto:

- “- Investigadora: E vocês, não ficam pedindo futebol toda hora?
- Alunos: Sim.
- Marcio: Mas não quer dizer que a gente não gosta né de fazer atletismo.
- Investigadora: [...] Mas vocês acham que essa falta de interesse dos alunos, é por que? Por que prefere futebol e não atletismo [...]
- Romulo: É um esporte que a gente aprende desde pequeno.
- Marcio: Porque a gente não conhece também né. [...]
- Alexandre: O salto também que no início a sora (professora) falou que a gente não tava gostando, mas que depois a gente ia querer fazer mais e mais” (GF3).

Os alunos percebem que o futebol está enraizado e que faz parte da vida deles, por isso solicitam o mesmo em aula, mas também reconhecem que não têm vontade de praticar outras coisas por não ter o acesso, ou seja, não conhecer. Além disso, admitem que depois de aprender e vivenciar a modalidade eles gostaram e quiseram praticar mais vezes, pois essa prática teve algum tipo de significado para os mesmos.

É importante destacar que a escola “A” possui um amplo espaço (com um campo anexado à escola - viável para se trabalhar principalmente arremesso e lançamentos, além da quadra poliesportiva), bem como possui grande parte dos materiais necessários para este esporte, pois possui um projeto da modalidade no contraturno escolar. Na escola “B” também existe este projeto, contudo, o espaço se restringe apenas a duas quadras poliesportivas e outros locais adaptados. Diferentemente da escola “A” e “B”, a escola “C” não possui nenhum projeto de atletismo no contraturno escolar, o que acaba influenciando em menor investimento de materiais para esta modalidade, além de se ter um espaço bastante restrito, com apenas uma quadra poliesportiva e adaptações utilizadas pela professora.

Tensiona-se o fato de que a existência de um projeto da modalidade nas escolas “A” e “B” persuadi em um maior investimento de recursos materiais nas mesmas, visto que esses projetos partem de um trabalho desenvolvido pelo professor (isto é, somente sedia o projeto aquela escola em que o docente realiza um trabalho diferenciado sobre atletismo), bem como utiliza os equipamentos cedidos pela escola, portanto, presume-se que a mesma já possua os

materiais necessários para esta prática. Assim sendo, infere-se que o atletismo nas escolas que possuem um projeto no contraturno escolar recebe um tratamento especial, ou seja, mais investimento quando comparado às demais escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados coletados nos questionários respondidos (etapa quantitativa) pelos 19 professores de Educação Física dos anos finais do ensino fundamental das escolas municipais de Novo Hamburgo que participaram do estudo, averiguou-se que 16 professores afirmaram que o atletismo está presente no plano de estudos da sua escola, enquanto que 3 deles apontaram que não. Apesar disso, 17 docentes afirmaram trabalhar o atletismo nas aulas de Educação Física, ao passo que 2 deles apontaram não trabalhar, apresentando diferença em relação a estudos anteriores, ampliando-se a difusão do atletismo. Os professores assinalaram como fatores que dificultam sua abordagem nas aulas de Educação Física: falta/limitação do espaço físico (n=13), falta de materiais adequados (n=9), desinteresse dos professores (n=6), a cultura do próprio esporte (n=3), pouco conhecimento e vivência do modalidade (n=5).

Na etapa qualitativa do estudo todos os docentes afirmaram que o atletismo estava presente nos planos de estudos e, ao averiguá-los, constatou-se que sim, o mesmo consta subentendido por meio de objetivos amplos, que visam desenvolver aspectos técnicos dos esportes, acarretando em uma aula baseada somente na dimensão procedimental. Neste processo de ensino do atletismo foram encontradas várias limitações, tanto pelos alunos, como pelos professores. Duas docentes indicaram seu conhecimento sobre a modalidade como uma restrição, influenciando em aulas básicas, mas essenciais para o âmbito escolar, além de que seus alunos consideram suas aulas boas. O calendário escolar corrido, bem como a grade curricular (que possui dois períodos de Educação Física por semana), também foram elencados pelas docentes como aspectos limitantes, levando a uma passagem rápida de conteúdo. A disposição dos alunos foi apontada, por uma professora e pelos alunos das três escolas, como outro elemento limitador. Ao passo que o espaço físico e os materiais são apresentados como limitações, também são trazidos como possibilidades de adaptações, enfatizadas por ambos pesquisados. Contudo, destaca-se que as escolas que possuem um projeto de atletismo no contraturno escolar recebem mais investimento quando comparado às demais.

Averigua-se que a questão sociocultural brasileira é o aspecto que justifica e influencia muitos dos entraves encontrados neste estudo para o ensino do atletismo (desde a falta

de materiais e espaços físicos até a falta de motivação dos alunos). A valorização do esporte coletivo de massa desfavorece a realização de outras práticas corporais, ocupando um lugar físico e simbólico significativo nas aulas de Educação Física. Entretanto, observa-se que a insistência por parte dos docentes em oferecer e proporcionar outras práticas influencia diretamente no acesso ao novo, que desperta outros gostos e significados para os discentes.

Espera-se, portanto, que esse estudo contribua para a área da Educação Física escolar, enfatizando-a como essencial na prática pedagógica, principalmente no âmbito da cultura corporal e no ensino do atletismo. Deseja-se também que ele possa servir de inspiração e embasamento para outras investigações, tendo uma continuidade, seja por meio das limitações que o mesmo obteve ou por novos problemas constatados a partir dele.

ATHLETICS IN THE PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN THE SCHOOLS FROM NOVO HAMBURGO/RS: POSSIBILITIES AND LIMITATIONS

ABSTRACT: This study aimed to verify the possibilities and limitations of the teaching of athletics in the classes of Physical Education in the schools of the municipal system from Novo Hamburgo/RS, Brazil. It was characterized as a qualitative-quantitative descriptive study. Quantitative stage: 19 PE teachers answered a questionnaire. Qualitative stage developed by means of analysis of documents and semi structured interviews with 3 teachers and 27 students (focal group) in 3 schools. Through the “Analysis of the Content” it was obtained the following results: 17 teachers work with athletics, despite the lack of/limitation of physical space (13), lack of appropriate material (9), disinterest of teachers (6), the own culture of the sport (3), little knowledge and experience in the modality (5). The content is listed in the syllabus, presenting similar limitations. In conclusion, athletics is taught, primarily in the schools that have a project in the inverse school shift, because they receive more investments for this modality.

KEY-WORDS: Scholastic Physical Education. Athletics. Teaching.

EL ATLETISMO EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA DE LAS ESCUELAS DE NOVO HAMBURGO/RS: POSIBILIDADES Y LIMITACIONES

RESUMEN: Esta investigación ha buscado verificar las posibilidades y limitaciones de la enseñanza del atletismo en las clases de Educación Física en las escuelas de la red municipal de

Novo Hamburgo/RS, Brasil. Se caracterizó como un estudio cuantitativo-cualitativo descriptivo. Etapa cuantitativa: 19 profesores de EF respondieron a un cuestionario. Etapa cualitativa elaborada por medio de análisis de documentos y entrevistas semiestructuradas con 3 profesores y 27 alumnos (grupo focal) en 3 escuelas. Por medio de “Análisis de contenido” se obtuvieron los siguientes resultados: 17 docentes trabajan el atletismo, a pesar de la falta/limitación del espacio físico (13), falta de materiales adecuados (9), desinterés de los profesores (6), la cultura del propio deporte (3), poco conocimiento y vivencia de la modalidad (5). El contenido consta en los planes de estudios, presentando limitaciones similares. Se concluye que el atletismo es enseñado, sobre todo en las escuelas que tienen un proyecto en el contraturno de la escuela, por que estas reciben más investimentos para esta modalidad.

PALABRAS - CLAVE: Educación Física Escolar. Atletismo. Enseñanza.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. F. M. Um diálogo sobre a cultura corporal e as dimensões dos conteúdos dentro de uma teia de relações. *Motrivivência*, Florianópolis, Ano 25, n. 41, p. 281-289, dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p281/25825>>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Portugal, Edições 70, LDA, 2009.

BRAGADA, J. O atletismo na escola: proposta programática para abordagem dos lançamentos “leves”. *Horizonte-Revista de Educação Física e Desporto*, Portugal, v. 17, n. 99, jun./jul. 1999. Disponível em: <<http://www.catraios.pt/profs/salarecursos/matef/lleveshor.pdf>>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC / SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2015.

CAUDURO, M. T. (Org.). *Investigação em educação física e esportes: um olhar pela pesquisa qualitativa*. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 1994.

DAOLIO, J. *Educação física e o conceito de cultura*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

FLICK, U. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOVEIA, J. C.; VARGAS, L. M. Atletismo se aprende na escola: possibilidades pedagógicas e metodologias de ensino da modalidade para crianças de 11 a 12 anos. *Revista Eletrônica Fafit/Facic*, Itararé SP, v. 5, n. 2, p. 16-23, jul./dez. 2014. Disponível em:

<<http://www.fafit.com.br/revista/index.php/fafit/article/viewFile/104/63>>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

LECOT, F. M.; SILVEIRA, R. A. O conhecimento do conteúdo atletismo na educação física escolar. *Cinergis*, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 3, p. 129-134, 2014. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/4802/3892>>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

MARQUES, C. L. S.; IORA, J. A. Atletismo escolar: possibilidades e estratégias de objetivo, conteúdo e método em aulas de educação física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 103-118, abr./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3078/5137>>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

MATTHIESEN, S. Q. *Atletismo se aprende na escola*. 2.ed. Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2012a.

MATTHIESEN, S. Q. *Atletismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012b.

MATTHIESEN, S. Q. *Atletismo na escola*. Maringá: Eduem, 2014.

MENDES, M. I. B. S.; NÓBREGA, T. P. Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 12, n. 2, p.1-10, mai./ago., 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/6135/4981>>. Acesso em: 4 abr. 2015.

MIRANDA, C. F. O corpo das crianças nas aulas de atletismo na escola. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 32, n. 87, p. 177-185, mai./ago. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622012000200004>>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

NASCIMENTO, M. Contribuições da inclusão do atletismo no currículo escolar do ensino fundamental. *Ágora: R. Divulg. Cient.*, Mafra, v. 17, n. 2, p.94-108, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/download/185/248>>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

ORO, U. Iniciação ao atletismo no Brasil: problemas e possibilidades didáticas. In: KIRSCH, A.; KOCH, K.; ORO, U. *Antologia do atletismo: metodologia para iniciação em escolas e clubes*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983. p. 12-36.

PRADO, V. M.; MATTHIESEN, S. Q. Para além dos procedimentos técnicos: o atletismo em aulas de educação física. *Motriz*, Rio Claro, v.13 n.2 p.120-127, abr./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/757/1032>>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

RABELO, V. T.; FERNANDES, G. L. O atletismo como conteúdo nas aulas de educação física escolar. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, v.9, n.1, 2010. Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:_Z2TSGc4I9oJ:https://www.fontouraeitoradora.com.br/periodico/vol-9/Vol9n1-2010/Vol9n1-2010-pag-187a192/Vol9n1-2010-pag-187a192.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

RANGEL BETTI, I. C. Esporte na escola: mas é só isso, professor? *Motriz*, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 25-31, jun. 1999. Disponível em: <https://www.fef.ufg.br/up/73/o/Texto_105_-_Esporte_na_escola_Mas_s_isso_professor_-_Irene_Concei_o_Rangel_Betti.pdf>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

SANTOS, I. L.; MATTHIESEN, S. Q. A história do atletismo como um saber necessário às aulas de educação física: aprofundando no estudo das corridas com barreiras. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 118-129, 2013. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/4079/4648>>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

SILVA, A. I.; SEDORKO, C. M. Atletismo como conteúdo das aulas de educação física em escolas estaduais do município de ponta grossa. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, Rio Claro, v. 14, n. 3, p. 25-33, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.dtp.uem.br/rtp/volumes/v14n3/03.pdf>>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

SOUZA JÚNIOR, O. M.; DARIDO, S. C. Refletindo sobre a tematização do futebol na educação física escolar. *Motriz*, Rio Claro, v.16, n.4, p.920-930, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n4p920>>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

XAVIER, A. C.; MACIEL, R. N. O atletismo no contexto escolar em Quissamã. *Perspectivas Online: Biologia & Saúde*, Campos dos Goytacazes, v. 3, n. 8, p. 01-08, 2013. Disponível em: <http://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/biologicas_e_saude/article/view/141/74>. Acesso em: 7 mar. de 2015.

Recebido em novembro de 2015.

Aprovado em fevereiro de 2016.